



José Euclimar Xavier de Menezes, *Médicos e Loucos no microscópio de Foucault*, Editora Crv, Curitiba, 2016, pp.323

Se o título nos remete para um *feeling* de estranheza ou dimensão visionária, certo é crucial que saibamos que Foucault não foi somente filósofo, mas também historiador das ideias, teórico social, filólogo e crítico literário. Assim, para quem conhece a abrangência da obra de Foucault questiona-se como é que o Autor se refere ao seu “microscópio”. Desde logo é um chamamento à sua leitura e interpretação, que no contexto ideológico só pode ser transversal.

E se, logo na apresentação da obra científica o Autor, José Menezes, “promete” uma escrita que exige: leitura e releitura; informação e formação; exposição crítica promotora de reflexão e (re)visão ideológica, filosófica e humana, pela ilustração da capa, arte de dois arquitetos, Benito Rebolledo e Carlos Agonia a qual deve merecer a nossa maior e melhor atenção pelos seus detalhes porque nos remete para o “Golpe de força” que é a expressão de Foucault com a qual desenvolve a sua crítica ao tratamento que a área Psi dispensou aos loucos doravante a Modernidade. E a acresce um elemento fundamental: leva-nos ao fio condutor da obra *As condições em que o racionalismo científico preparou as ciências da Psi*.

E vejamos, no *Prefácio* podemos perceber a fundamentação do trabalho científico. Este começou por ser um trabalho académico de doutoramento mas, pode afirmar-se com propriedade, felizmente resultou nesta obra que, exalte-se, felizmente resultou em um trabalho que é, ou deveria ser, de leitura obrigatória.

O Autor ousa e desafia o pensamento “instalado” quando se propõe demonstrar que, e passo a citar, «a obra de Foucault escrutina o freudismo naquilo que é, ou deveria ser, o propósito de qualquer conhecimento, a saber, a compreensão e a afirmação do homem na sua dignidade» (p.14) e diz ainda que é «tarefa desafiadora de *domesticar* o pensamento de Foucault» (p.15), ponto em que se encontra uma motivação para levar avante uma leitura ininterrupta: «encontrar indicadores reflexivos que possibilitem o debate» sobre os direitos humanos (p.15).

Neste âmbito, eis as quatro questões que se revelam essenciais na interpretação do leitor: o debate dos direitos humanos que exige esforço, o qual o Autor descreve como “hermenêutica” do leitor – logo – não sendo alvo imediato, o Autor oferece ao “arqueiro-leitor” (escrita majestosa!); e se Foucault toma Autores canónicos ao seu estado da arte jamais se rende à sedução; Foucault é um Autor crítico *par excellence*, logo parece tornar a sua obra aversiva a servir como base de reflexão para os direitos humanos; quando o Autor diz necessitar de reescrever um novo prefácio creio que advém do perfeccionismo, pois está estrutural e ideologicamente inquestionável.

Ainda que nesta resenha se apresente como um resumo tão exaustivo quanto necessário à motivação para a leitura, importa reiterar o interesse que uma leitura cuidada, reflexiva e promotora de inquietações, não é possível deixar de focar alguns pontos que sintetizam a linha da obra que floresce reflexão e interpretações críticas que



merecem o louvor ao Autor pela visão abrangente, inovadora e científica do que este intitula «médicos e loucos no microscópio de Foucault».

Vejam, especificamente, ao que se refere. Se Foucault tem fascínio pelas histórias, *O sonho vazio de Freud* apresenta-se com uma visão plural: pensamento; crítica; elementos que prevalecem nas abordagens das ciências humanas sobre o Homem. Surge aqui a crítica à psicanálise e à psicologia como representantes das ciências humanas. E o sonho é, ou pode ser, considerado como o primeiro passo da análise *foucaultiana*, do sentido que não está presente no próprio sonho, à traição do sentido, dado que nega o sonho, ao sentido negativo apontado. Freud reforça o negativismo do tratamento pelo contexto do inconsciente cuja perspectiva é negativa. Já pela imagem flácida que Foucault introduz como elemento de análise metapsicológica do sonho, revela-se implacável pela fragilidade da teoria do sonho. E refuta a definição negativa da imaginação que habitualmente sustentam a psicologia e a psicanálise. Deixando a leitura do capítulo completo, cito «imaginar é o advento do mundo que o sujeito escolhe para atualizar os seus movimentos de liberdade» (p.102).

No capítulo *Empréstimos indevidos da psicologia* analisa os textos de Foucault sobre as bases da psicologia que originaram a *Histoire de la folie à l'âge classique* (1933), tríade sonho, sintoma e loucura. E se Freud no *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade* apresenta um discurso marcadamente evolucionista, nas *Cinco lições de Psicanálise* (1909) objetiva o equilíbrio entre as duas perspectivas, história e processos psíquicos. Segundo Foucault associa à emoção das relações de “amor”, do “ciúme” e do “remorso” que gera desordem psicológica grave.

É de particular interesse a análise de *Um espelho sem reflexo* que analisa a patologia, o facto mórbido, como fatores sociais e que religiosamente são vistos como sobrenaturais (intercute).

Já na *A loucura em construção*, a história da loucura permite entender que as posições assumidas por Foucault em cada momento têm as suas especificidades que o Autor analisa meticulosamente. E, se necessário for, como uma motivação maior para a leitura, cito «a loucura que parecia completamente esvaziada pelo domínio psicológico ressurgiu exibindo a força violenta da qual é dotada, constringendo à própria psicologia a justificar-se frente à loucura» (p.305). É exatamente daqui que ela escapou deliberadamente para experimentar a liberdade mais violenta da qual tem sede.

Vejam, em modo de conclusão desta importantíssima obra científica de José Menezes: o modo como Foucault constrói a sua crítica à psicologia e à psicanálise entre os anos Cinquenta e Sessenta do século XX. A delimitação assenta em três objetos sobre os quais a crítica se precipita: a teoria do sonho; a metodologia e o conceito de loucura.

Os textos usados são considerados fundamentos de uma perspectiva objetiva de Foucault e vão ao encontro do objetivo da presente obra: de construção da crítica à psicologia e à psicanálise foram detalhados ao reducionismo que Foucault imputa ao saber psicológico e às formulações freudianas.

Quanto à relação que Foucault estabelece com a psicologia e com a psicanálise presidida por uma tensão, permite diálogo entabulado pelo Autor com esses saberes o qual é muito fértil.



Na obra em análise, afirma-se que ao longo dos quase vinte anos de escrita, Foucault apresentou múltiplos interesses: manejo da psicologia e da psicanálise que constitui uma espécie de *métron* da sua própria obra; o método constituído, i.e., a arqueologia; o objeto é investigado, i.e., saberes Psi; os resultados alcançados como pedra de toque da obra do Autor. Esta é uma crítica complexa devido à relevada importância do objeto onírico; às deficiências dos métodos arrolados pelas teias psicológica e psicanalítica. Finalmente, a sistematização de procedimentos mais adequado para que o objeto seja estudado. Em suma, o domínio de Foucault sobre a psicologia e a psicanálise é a chave da leitura para a sua própria obra.

Quanto ao problema último assenta na questão de como se constrói a noção de homem na modernidade – possibilitará o surgimento de tantos saberes?

Como conclusão final da resenha desta majestosa obra “A condição humana” parafraseio Hannah Arendt «uma vida sem pensamento é totalmente possível, mas ela fracassa em fazer desabrochar a sua própria essência, ela não é apenas sem sentido, ela não é totalmente viva. Homens que não pensam são sonâmbulos» (p.143).

Pensem, critiquemos... sejamos seres pensantes em evolução permanente!

*Ana Campina*

Universidade Portucalense Infante D. Henrique, Brasil